



## O DRAMA DA DOCTRINA

Kevin J. Vanhoozer

Fares Camurça Furtado\*



\* Médico generalista formado pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), membro da Igreja Batista de Novo Juazeiro (Juazeiro do Norte/CE); teólogo, com formação no curso livre de Teologia, com Ênfase em Exegese, pelo Seminário Batista do Cariri (SBC), pós-graduando em Apologética pela Faculdade Batista do. O autor é responsável pelo blog: <https://farescamurcafurtado.wordpress.com/>.

**Contato:**  
farescfurtado@gmail.com.

Definitivamente, este não é um livro para iniciantes em Teologia. Kevin J. Vanhoozer é um grande escritor e professor de Teologia. Seus estudos em Westminster e Cambridge, bem como sua atuação profissional em Edimburgo e, atualmente, como professor de Teologia Sistemática na Trinity Evangelical Divinity School, referendam seu cartão de visitas. No entanto, títulos acadêmicos e experiências profissionais em grandes universidades não necessariamente fazem de alguém um grande teórico em sua área de atuação. Porém, a obra de Vanhoozer autentica o que já era de se esperar de um Ph.D. formado em Cambridge.

Os escritos de Vanhoozer não são nada fáceis e estão alicerçados em conhecimentos atualizados de Linguística, Hermenêutica e Teologia. Na verdade, não indicaria este como primeiro livro de Vanhoozer a ser lido. A obra de Vanhoozer mais remetida no presente livro, um verdadeiro tratado de Filosofia da Linguagem aplicada à Hermenêutica, é o clássico:

*Há um Significado nesse texto?*<sup>i</sup>

Para entender a teoria dos atos de fala aplicada ao sistema teológico de Vanhoozer, uma teologia da cruz, tomando como paradigma a Trindade, faz-se necessário primeiro ler *Há um Significado nesse texto?* Ele coloca o autor, o texto e o leitor na perspectiva correta, fazendo uma verdadeira desconstrução do desconstrucionismo, fixando o último prego no caixão do pós-estruturalismo, sem, no entanto, deixar de aproveitar *insights* úteis provenientes da pós-modernidade. Fiz uma leitura inspecional de *Há um Significado nesse texto?* e analisei alguns capítulos. A obra é magnífica e seminal para descortinar o pensamento de Vanhoozer.<sup>ii</sup> Em outra obra, Vanhoozer trata dos prolegômenos, a saber, com o que devo começar a Teologia? Com a Bíblia, com Deus, com a igreja? Sua resposta está na obra *Teologia Primeira*.<sup>iii</sup>

Em 2016, participei do 10º Congresso de Teologia Vida Nova, que contou com a presença de Kevin J. Vanhoozer e Wayne Grudem, dentre outros preletores nacionais como Jonas Madureira, Franklin Ferreira e os maravilhosos devocionais do saudoso Pr. Russell Philip Shedd. Foi um momento muito edificante! Por ocasião desta viagem, o amado irmão Francisco Dário de Andrade Bandeira me propôs um encontro para tratarmos sobre o referido congresso e um bate-papo sobre a obra “O Drama da Doutrina”. Aceitei o desafio e li a obra com bastante esmero. Agradeço ao mestre Dário pela oportunidade que me permitiu de expor a obra em nosso encontro e pelas excelentes explicações sobre detalhes filosóficos que estavam acima do meu alcance. Relato isto para mostrar que muitas vezes, um desafio ou uma indicação de alguém podem ser decisivos para nossa imersão em determinado livro ou área de estudo. Por tal motivo, li na íntegra primeiro “O Drama da Doutrina” e não “*Há um Significado*”. Simplesmente fiquei encantado com *O Drama da Doutrina*. Mas creio que o teólogo deve ler em ordem as obras já citadas para apreender melhor o pensamento de Kevin J. Vanhoozer: 1). *Há um Significado Nesse Texto?*; 2). *Teologia Primeira*; 3). *O Drama da Doutrina*.

Vern S. Poythress escreveu sua metodologia teológica sob a analogia musical (confira minha resenha desta obra em postagem disponível no blog: <https://farescamurcafurtado.wordpress.com/2017/01/11/resenha-02-teologia-sinfonica-vern-s-poythress/>). John Frame escreveu sua Teologia Sistemática sob a analogia multiperspectival.<sup>iv</sup> Kevin Vanhoozer, por sua vez, desenvolve seu método teológico sob a analogia da dramaturgia. A doutrina é um grande drama que é encenada no palco da

criação. Os elementos do drama envolvem o dramaturgo (teologia), o roteiro (Escrituras), a atuação (compreensão teológica), o diretor (pastor) e a companhia (igreja). Ele adapta o conceito de Theodrama dos escritos de Hans Urs von Balthasar ao seu método teológico, valendo-se da teoria dos atos de fala (que possui em J. Austin<sup>v</sup> uma leitura seminal). Assim, a analogia é dramática; o centro diretor teológico é o cânon e leva em conta os mais recentes estudos em Linguística. Por este motivo sua abordagem teológica ficou conhecida como “canônico-linguística”.

Seguindo a linha da história da Redenção, o Drama da Doutrina ocorre em cinco (05) atos: 1). Criação; 2). De Gênesis 2 até o fim do Antigo Testamento; 3). Jesus; 4). Cristo ressurreto enviando o Espírito e criando sua igreja e, 5). *Eschaton*, com o pleno relacionamento entre Deus, Israel e a igreja (p. 19).

Vanhoozer recebe a influência de Nicholas Lash, seu preceptor no doutorado. A influência deste estudioso levou Vanhoozer a se dedicar a estudos sobre a pós-modernidade, realizando um diálogo saudável com várias vertentes da teologia, sem, no entanto, deixar de ser ortodoxo. O que motivou Vanhoozer a desenvolver essa perspectiva teológica foi o descaso para com a doutrina, até mesmo nos arraiais conservadores. O dinamismo auferido à doutrina por meio da *analogia dramatis* pode arregimentar mais pessoas a viver um cristianismo autêntico, equilibrando o leão da doutrina com o cordeiro da aplicabilidade pastoral.

Certamente, uma obra que serve como modelo opositivo para a referida obra é *The Nature of Doctrine*, de George Lindbeck. Este autor representa o que ficou convencionalizado como virada linguístico-cultural. Sendo assim, o significado do texto não é determinado pelo cânon, nem pelo texto em si; aliás, quem decide o que é o cânon, pela perspectiva de Lindbeck é o consenso da comunidade eclesial em reunião (interpretação reader-response). Para Lindbeck, as palavras não são unidades epistêmicas que visam meramente produzir asserções teológicas. Neste sentido, ele está além dos liberais que creem que a doutrina é propositivista. Lindbeck, é pós-liberal, numa esfera onde a cultura eclesial determina a doutrina. Uma obra conservadora que interage com *The Nature of Doctrine* é o livro de Alister McGrath, intitulado *A Gênese da Doutrina*.<sup>vi</sup> É possível que a partir desta interação o nome da obra ora resenhada surgiu. *O Drama da Doutrina* tem como objetivo:

corrigir (sem reagir de forma exagerada) esse passo em falso linguístico-cultural situando a autoridade não no uso das Escrituras por parte da comunidade, mas no que Nicholas Wolterstorff chama de discurso autoral divino. (VANHOOZER, 2016, p 27-28).

Perceba que Kevin J. Vanhoozer apresenta muita afinidade com o texto bíblico e forte ênfase canônica e ortodoxa, mas aproveita o foco prático de Lindback, quando assevera que: “O presente livro expõe uma teologia canônico-linguística pós-conservadora e uma teoria diretiva, que crava a teologia com mais firmeza nas Escrituras, enquanto preserva a ênfase prática de Lindback.” (IDEM, p. 13).

Esta abertura para lidar com a ênfase prática de Lindback, em contrapartida, incorre em uma crítica aos propositivistas (Grudem, Berkhof, Charles Hodge, etc.). Vanhoozer afirma que “formas de exegese que tratam os textos bíblicos como dados e não como portadores do discurso divino são claramente *não dramáticas*.” (p. 37).

Vanhoozer também critica a fragmentação denominacional pós-Reforma e aponta para a necessidade de retomar uma ortodoxia católico- evangélica. Não basta ser canônico, pois sua comunidade religiosa não é detentora da hermenêutica totalmente correta. O conceito de catolicidade nos ajuda. Devemos ser canônicos, mas também católicos (a igreja no sentido de povo de Deus como um todo). “A catolicidade não é domínio exclusivo da igreja romana da mesma forma que o evangelho não é domínio exclusivo dos evangélicos”. Ele explica o que entende por catolicidade: “Evangélico é a ideia central, mas católico acrescenta um qualificador antirreducionista crucial, o qual proíbe que algum receptor isolado do evangelho se torne superior aos outros”. Mas não se apresse em julgar Vanhoozer, pois sua teologia não é ecumênica (p. 46) ao contrário de Lindback.

O próprio John Frame reconhece o valor dos escritos de Lindback (e para muita gente, John Frame é bem mais conservador que Vanhoozer). Frame afirma:

Doutrina consiste em três coisas: verdade proposicional; expressão da experiência de regeneração ao pecador doente e regras para fala e conduta das criaturas de Deus. Nenhuma destas três exerce prioridade sobre as outras. O livro de Lindbeck é uma exploração excelente da terceira perspectiva, a qual é, indubitavelmente, a mais negligenciada na teologia dos dias presentes. Nós podemos aprender com Lindbeck que o propósito da doutrina não é ser simplesmente repetida, mas também ser “aplicada” ao ser usada por todos os propósitos de Deus no mundo. E se nós não podemos usá-la, nós não podemos, em um sentido sério, entendê-la.<sup>vii</sup>

O livro divide-se em quatro partes: o drama, o roteiro, o dramaturgista e a encenação.

Na primeira parte o autor trata sobre o Evangelho e sua relação com o Deus Triúno, em seus aspectos de diversidade e unidade. É uma exposição de como a teoria dos atos de fala envolve as pessoas da Trindade em seus aspectos locucionários, ilocucionários e perlocucionários.

Tomando como base Hebreus 1:1, Vanhoozer afirma que o Pai fala (ele emite locuções), mas hoje nos fala pelo Filho, que é a Palavra Encarnada de Deus, a Palavra que age; esses atos da Palavra apontam para os aspectos ilocucionários da fala, as ações que a palavra exerce. Mas neste sentido, o Espírito Santo é o agente que efetiva e garante a eficácia da ação da Palavra (aspecto perlocucionário). Esta ação do triúno é feita de maneira pactual, apresentando o seu Evangelho e aplicando-o ao interlocutor, que passa a participar da ação comunicativa também (aspecto interlocucionário).

Neste sentido, Deus não apenas está falando, mas também está agindo por meio da fala. Ao longo das cenas, existem muitas entradas e saídas, sendo que um evento paradigmático de saída (o descer das cortinas) é o Êxodo. Jesus também teve um êxodo, uma saída (sua morte, conforme Lucas 9:31) e por meio deste Êxodo, possibilitou a chegada de um novo ato, por meio da entrada do Espírito Santo.

Uma crítica pessoal a Vanhoozer é que ele apresenta uma atitude paradoxal ao dizer que não será nenhuma escola ou ênfase que dará o tom de sua teologia, mas percebe-se nitidamente a influência da filosofia da linguagem, por meio da **teoria do ato de fala**, nos seus escritos.

Vanhoozer também critica o estilo épico, que é monológico (só há uma voz no discurso), mas não deixa de observar o seu cuidado e respeito com a escola propositivista: “O objetivo é reabilitar a abordagem propositivo-cognitiva da teologia, expandindo o que queremos dizer com “cognitivo” e dramatizando o que entendemos por ‘proposição’”.

Na parte 2, Vanhoozer nos apresenta o roteiro, a saber a direção dramática que o cânon exerce na vida da comunidade. Sobre o roteiro, o autor pontua: “A doutrina é um guia para as encenações do evangelho roteirizadas, mas dinamizadas pelo Espírito por parte da igreja” (p. 117); “O Espírito Santo é tanto o autor do roteiro quanto aquele que orienta a encenação contemporânea da igreja – suas variações de improviso – pelo

roteiro” (p. 118) e, “O drama da doutrina consiste na direção do Espírito para que a igreja participe corretamente da ação evangélica através da encenação de seu roteiro oficial”.

Ele elenca 5 pontos importantes para o roteiro:

1) A doutrina fornece uma sinopse para identificação das *dramatis personae* e para compreensão do enredo teodramático básico.

2) A doutrina é a direção para que o cristão participe adequadamente no drama da redenção, permitindo, assim, a continuidade das missões do Filho e do Espírito em situações novas.

3) A doutrina é a direção para uma representação baseada no roteiro, porém “dinamizada pelo Espírito” e marcada por fidelidade a aliança.

4) A doutrina como direção nos mostra o que já foi feito por Deus, desse modo dando a entender o que resta a ser feito (por nós). Afirmações sobre o que devemos fazer (direção propositiva, imperativa) baseia-se em afirmações sobre o que Deus fez em Cristo (a declaração propositiva, indicativa).

5) A doutrina dá origem a um projeto tanto propositivo quanto pessoal.

Nesta parte, Vanhoozer apresenta sua controversa posição sobre a relação entre a tradição e o cânon. Para ele, a questão não é entre a Bíblia e a tradição. A questão é: Que tradição? As Escrituras são uma prática canônica divina antes de uma prática eclesial. Deve ser analisada à luz da Cristologia e da Pneumatologia.

Ao longo da transmissão do cânon deve haver improvisação. Aliás, a própria tradução indica esta improvisação, mas não um improviso irresponsável ou sem nexos algum com o cânon, mas um improviso no sentido de lidar com um novo contexto cultural e histórico. Veja sua ortodoxia: “Assim, a origem, (e daí, a autoridade) das Escrituras canônicas está muito distante da origem das constituições humanas. Constituições podem ser alteradas; a aliança canônica não: (Ap. 22.18,19)” (p. 155). Em outras palavras, o cânon determina a tradição apostólica.

Aqui entra sua questão polêmica: o *Sola Scriptura* significa não só o texto, mas sua prática também (p. 158). Mas esta frase deve ser interpretada à luz de seu contexto, no sentido de que toda a tradução já implica uma tradição em que elementos criativos para a escolha de palavras, por exemplo, foram necessários. Ninguém pega um vácuo

entre o século I e o XXI. Mesmo sem querer, é preciso reconhecer que há uma tradição de dois milênios a ser encarada. A questão é como encarar esta tradição.

O fato de que a igreja reconhece o cânon autentica a igreja e não o cânon, pois este não precisa de validade eclesial para ser o que é: a Palavra de Deus. A canonicidade é o critério da catolicidade, e não o contrário. Essas percepções também marcam a ruptura definitiva entre a abordagem canônico-linguística e sua contraparte linguístico cultural.

Sobre a tradição, o protestante, principalmente nós, os batistas, confiamos demais na apreensão e domínio da teologia por meio da leitura direta das Escrituras e isto tem sido visto de forma pejorativa por alguns teólogos católicos. A abordagem católico-evangélico pretende corrigir isto. Desta forma, “a abordagem canônico-linguística afirma tanto a necessidade do *sola Scriptura* quanto a necessidade, e até a inevitabilidade, da tradição.” (*Sola Scriptura* + tradição) (p. 169).

Nos outros capítulos desta parte, Vanhoozer mostra como as Escrituras estão concatenadas com o Filho e o Espírito Santo. Como nos diz Vanhoozer: “assim como o *sola Scriptura* não significa “sem tradição”, do mesmo modo o *solus Christus* não significa “sem o Espírito””. (p. 213).

Na obra do Espírito e do Filho, há uma relação muito interessante entre o Filho e o Espírito Santo. Durante seu ministério terreno Jesus teve uma *kenosis*, em dependência do Filho; quando Jesus é assunto aos céus e envia o Espírito Santo, este, por sua vez, também sofre uma espécie de *Kenosis*, submetendo-se à vontade do Filho:

Em certo sentido, então, o Espírito Santo não tem identidade própria, mas é o advogado da Palavra. O Espírito esvazia-se em favor do Filho, tornando-se nada – tanto que podemos falar de uma ‘kenosis’ da terceira pessoa da Trindade. (p. 213).

Sobre a inspiração, os conceitos de Vanhoozer são mais complexos e difíceis de assimilar. Vejamos:

Os conceitos clássicos de inspiração muitas vezes retratam a Bíblia como um livro de verdades eternas de causa sobrenatural. Mas nem revelação nem inspiração bíblica significam que o texto em si tornou-se um agente divino substituto e menos ainda que ele deva servir como livro de referência da verdade fora do contexto da igreja adoradora e fora do campo da ação teodramática. (p. 242); (...) A Bíblia não é uma quarta *hipóstase* ao lado do Pai, do Filho e do Espírito, como se representasse e tivesse uma natureza divina. As tentativas de transformar a inspiração em qualidade textual tornam redundantes a obra atual do Espírito que fala nas Escrituras (p. 243).

De maneira mais simples: “A inspiração diz respeito ao fato de Deus participar de práticas comunicadoras humanas reais, a fim de dizer e fazer coisas com palavras no palco da história mundial.” (p. 246).

Sobre a tradição, Vanhoozer volta a explicar que o *Sola Scriptura* não significava ‘Escritura sem tradição’, mas Escritura como norma prévia, potencialmente estabelecida no papel de julgar a tradição (p. 249). E é neste sentido que a frase seguinte é expressa: “O cânon pode ser o berço da doutrina cristã, mas a tradição é sua ama de leite.” (p. 250).

Ele arremata a parte 2, falando que o cânon possui aspectos tanto fechados quanto abertos. É preciso ler com atenção, como bons hermeneutas, para não deturpar Vanhoozer:

o cânon é ao mesmo tempo ‘fechado’ e ‘aberto’. Está fechado em um sentido formal, porque abrange apenas esses livros. Ele também está fechado no sentido do conteúdo, daquilo que Deus falou de modo definitivo em Jesus Cristo. No entanto, o cânon permanece aberto no sentido de que solicita continuamente o entendimento e a participação da igreja.” (p. 253).

É necessário dizer que logo de início fiquei muito apreensivo quanto à correlação entre Tradição e Cânon, mas as devidas ponderações me convenceram com grande razoabilidade da tradição como elemento criativo que é realizada sempre debaixo da autoridade do cânon.

Ao longo da obra, é notório como Vanhoozer cita Karl Barth de uma maneira positiva, apontando para a pessoalidade do Filho e sua ação por meio da Palavra e do Espírito Santo, mas isto não desmerece seus escritos (aliás, creio que precisamos fazer uma leitura em fonte primária nas obras de Karl Barth, a fim de fazermos justiça a este grande teólogo do século XX, que teve seus erros e desvios em seu sistema, mas que merece, no mínimo, um tratamento honesto de seus escritos.

A forma como o interlocutor lida com a Palavra hoje na abordagem canônico-linguística me fez lembrar a forma como encaro a Palavra de Deus. Ao pregar, a impressão que tenho é que Deus já fala na Palavra e que o Espírito Santo vai iluminar a mente do ouvinte a fim de que ele compreenda o texto sagrado. Na abordagem canônico-linguístico, as ações comunicadoras ocorrem simultaneamente, de maneira que ao ler a Palavra de Deus, o filho está realizando ações e o Espírito Santo está dinamizando a Palavra que o Pai falou. É tudo muito dinâmico e requer uma resposta do interlocutor.

Um cuidado que o teólogo deve ter, porém, é de entender que o Espírito Santo é distinto da Bíblia e que mesmo incorrendo no erro de dicotomizar Palavra de Deus/ Espírito Santo, friso a necessidade de uma ação adicional do Espírito Santo na mente do ouvinte, a fim de que a Palavra seja compreendida. Assim, as ações comunicativas não se restringem ao texto, mas evidenciam a ação triúna de Deus em nosso caráter.

Na parte 3, intitulada o dramaturgista, temos a explicação de como o teólogo público ou profissional pode ser de grande utilidade para a igreja local e para pastores que irão se pautar pela responsável sistematização das verdades por parte do teólogo.

Nos dois últimos capítulos desta parte, Vanhoozer apresenta seis características da abordagem canônico-linguística: pós-propositivista (não se baseia apenas em sentenças e asserções); pós-conservadora (não estamos mais na época de fazer grandes debates baseados na neutralidade da razão e na autonomia do indivíduo cognoscente; passamos desta época); pós-fundacionalista (existem determinadas crenças fundantes que devem ser encontradas com o auxílio da razão); prosaica (baseada na prosa e na metanarrativa de Jesus Cristo); fronética (prática e de uso sapiencial na igreja) e profética (necessidade de proclamar e expressar o testemunho de Cristo).

As três primeiras características da abordagem vanhoozeana são passíveis de crítica. Ao expandir o propositivista não já estaria Vanhoozer abolindo-o? Creio que se faz necessário dizer que Vanhoozer está tentando ser realista. Vivemos em tempos pós-modernos e as pessoas não pensam mais em termos de grandes sistemas epistêmicos que satisfaçam suas afeições. É neste sentido que é pós! Não estamos mais lidando com o debate liberal/conservador do início do século XX mas com outras demandas que exigem lidar de maneira católica e evangélica.

Na parte 4, Vanhoozer trata da encenação, como a igreja vivencia isto no palco de sua existência. O teólogo é o dramaturgo, o pastor é o diretor, os membros são atores e devem agir no sentido de convencer e persuadir o assistente a participar no teatro também.

Ele faz extensas críticas à teoria da expiação substitutivo-penal, afirmando que um modelo de generosidade e perdão divinos anti-violento está mais em foco do que propriamente uma relação de transferência e punição divinos. Discordo de Vanhoozer, mas percebo muitos teólogos começando a modificar seus conceitos de expiação.

Termino citando algo de essencial importância na companhia. Mas antes gostaria de dar uma palavra de endosso à obra, tomando apenas os devidos cuidados investigar melhor a teoria dos atos de fala e verificar sua aplicabilidade ao longo de todo o texto sagrado, bem como saber se este sistema não é uma síntese metodológica que no afã de cobrir os conceitos de catolicidade e canonicidade, finda abrindo concessões a verbetes e ideologias de cunho pós-moderno (o que minha leitura afirma é que não. Sua interação com Gadamer, Wittgenstein, Austin, Ricoeur e Searle não implica em heterodoxia. Se você ler o livro *Há um Significado nesse texto?* corroborará ainda mais os princípios ortodoxos de Kevin Vanhoozer). O livro conta com uma bibliografia bastante densa e índices onomástico, remissivo e de passagens bíblicas. Todos os teólogos sistemáticos deveriam interagir com esta literatura a fim de pelo menos interagir e se atualizar sobre um novo viés da Teologia Sistemática. Eis a citação final:

A igreja é aquele agrupamento singular que está em companhia do evangelho e de uns com os outros, partindo juntos o pão (com + panis= 'com pão'). Mas a igreja é uma companhia, em segundo lugar, no sentido teatral: uma trupe de oradores, cantores e atores. É a companhia dos perdoados, e é por isso que a companhia transmite, de fato irradia, alegria. (p. 427).

## **REFERÊNCIA:**

VANHOOZER, Kevin. J. **O drama da doutrina**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

## **NOTAS:**

---

<sup>i</sup> VANHOOZER, Kevin. **Há um significado neste texto?** Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos. São Paulo: Editora Vida, 2005, 664 pp.

<sup>ii</sup> Para uma excelente abordagem de *Há um Significado Nesse Texto?* indico um vídeo do Canal *Dois Dedos de Teologia*, onde Yago Martins e Guilherme Nunes analisam com precisão a referida obra: <https://www.youtube.com/watch?v=Iqs8uP1NH9o>. Acesso em 08/01/2017, às 09:45 horas.

<sup>iii</sup> VANHOOZER, Kevin J. **Teologia Primeira: Deus, Escritura e Hermenêutica**. São Paulo: Shedd Publicações, 2016, 472 pp.

<sup>iv</sup> FRAME, John M. **Systematic Theologic: An Introduction to Christian Belief**. Philipsburg, New Jersey: P&R Publishing Company, 2013, 1280 pp.

<sup>v</sup> AUSTIN, J.L. **How to do things with words**. Oxford: Oxford University Press, 1962.

<sup>vi</sup> MCGRATH, Alister E. **A Gênese da Doutrina: fundamentos da crítica doutrinária**. São Paulo: Vida Nova, 2015, 256 pp.

---

<sup>vii</sup> <http://frame-poythress.org/review-of-lindbecks-the-nature-of-doctrine/>. Acesso em 02/02/2017.